

focos de resistência, enquanto que de outro lado, a escola, a parte urbana, as gerações em ascensão exprimindo forças de renovação, aderindo a tudo o que se identifica com a realidade brasileira.

Hoje não podemos dizer convictamente que Pedrinhas é um *villaggio* italiano nem que é uma *cidade* brasileira. Podemos, sim, afirmar que devido à fase que está vivendo, passa por uma provisória duplicidade cultural. — MARIA DE LOURDES BODINI.

HEINRICHE A. W. Bunse — *Estudos de dialetologia no Rio Grande do Sul. Problemas, métodos e resultados*. Porto Alegre, Universidade Federal do Rio Grande do Sul (Faculdade de Filosofia), 1969. 49 pp. Mapas.

O estado sulino pode ser considerado de certa maneira privilegiado no tocante aos estudos de dialetologia, haja visto os vocabulários publicados por Pereira Coruja, Roque Callage, Romanguera Corrêa e outros, bem como os estudos parciais ou gerais de Sílvio Júlio, Dante de Laytano e Tenório d'Albuquerque. Se bem que valiosos, esses trabalhos pecam, quase sempre, pelo fato de não serem elaborados a partir de dados colhidos diretamente "in loco".

Heinrich Bunse, professor de filologia românica, inscreve-se entre os poucos brasileiros cultores da moderna dialetologia, com estudos, na esmagadora maioria, calcados em investigações de campo e em resultados de inquéritos distribuídos pelas mais diferentes regiões do Estado. Tais estudos visam a elaboração do Atlas Lingüístico Etnográfico do Rio Grande do Sul. De sua lavra temos: *A terminologia da cana-de-açúcar no Rio Grande do Sul, Mandioca e açúcar* (notas lingüístico-etnográficas), *Aspectos lingüístico-etnográficos do município de São José do Norte*, etc.

O escrito aqui apresentado dá uma rápida visão sobre os estudos de dialetologia no estado sulino, analisa os problemas a serem enfrentados, expõe o método empregado, discorrendo finalmente sobre o trabalho realizado e os primeiros resultados obtidos.

De início, simplesmente menciona os vocabulários regionais, os glossários que acompanham as obras de ficção regionalista e os estudos sobre o linguajar gaúcho. Em razão de sua experiência como dialetólogo de renome e profundo conhecedor do meio, bem poderia o Prof. Bunse apresentar ao leitor, leigo ou não, uma visão crítico-descritiva do material mencionado, o que complementaria, em muito, o estudo de Dante de Laytano, publicado há algum tempo ("Pequeno esboço de um estudo do linguajar do gaúcho brasileiro", in *Veritas*, ano VI, n.º 3, 1961).

Em poucas páginas descreve a metodologia usada. O primeiro problema que se põe é o levantamento dos pontos onde será aplicado o inquérito, já que os propostos por Antenor Nascentes mostram-se insuficientes no caso sul-riograndense. Daí a necessidade de uma investigação prévia, tomando em consideração as características físicas das regiões, sua densidade populacional, seu passado histórico, seu quadro cultural, etc. Em razão das condições estabelecidas haverá necessidade da pesquisa se estender além da fronteira estadual, isto é, Santa Catarina (principalmente a área a noroeste), Argentina e Uruguai. Quanto ao último país, a tarefa mostra-se menos difícil, já que o dialetólogo uruguaio José Pedro Rona tem publicado uma série de trabalhos, como resultado das pesquisas que efetua na zona fronteiriça (entre outros leia-se "La frontera lingüística entre el portugués y el español en el norte del Uruguay", in *Veritas*, ano VIII, n.º 2, 1963).

Os questionários adaptados de outros existentes, em número de dois, foram enviados à cerca de 600 professores primários. Quer nos parecer que os questionários poderiam conter mais itens e, na medida do possível, atender a peculiaridades culturais regionais. Bem sabemos das dificuldades financeiras, mas o uso de desenhos

nos inquéritos, pelo menos em alguns pontos como amostragem, seria uma eficaz complementação. Talvez algumas inquirições de ordem toponímicas e antroponímicas fossem de interesse.

A pesquisa foi dividida em três fases. A primeira é aquela que demandou anos de trabalho e proporcionou o indispensável contacto direto com a realidade lingüística sul-riograndense, de importância vital para o prosseguimento dos estudos. A obtenção de uma rápida visão global sobre todo o Estado, no que se refere a uma eventual uniformidade ou diversificação dialetológica constitui a segunda fase. Com base nas informações obtidas durante as fases anteriores poderá ser iniciada a pesquisa direta para a elaboração do Atlas Lingüístico e Etnográfico do Rio Grande do Sul. Para as zonas onde há populações bilingües (descendentes de alemães, italianos, poloneses, etc.), urge aplicar um inquérito na respectiva língua, pois que somente o inquérito em português mostra-se deficiente. Estes inquéritos permitiriam obter grande soma de informações como a dispersão das populações bilingües por grande área estadual, a existência de diferenças dialetais na zona de colonização alemã, etc.

Ao fim do volume, além dos questionários, estão reproduzidos nove mapas sintéticos. Eles revelam uma grande série de dados. Entre outros; uma zona fronteira Brasil-Uruguai, delimitada com nitidez (por exemplo o caso de "sulqui" como denominação de charrete), informações sobre inovações e distribuição de palavras no Estado e a campanha gaúcha surgindo possivelmente como área lingüística diferenciada.

E de se esperar que o filólogo e dialetólogo continue brindando o público, mais amido, com trabalhos de tal natureza, contribuindo para que o Atlas lingüístico-etnográfico brasileiro não se torne uma realidade tão remota, como pode parecer. — ERASMO D'ALMEIDA MAGALHÃES.

MARCILIO, Maria Luiza — *La Ville de São Paulo. Peuplement et Population*. Publication de l'Université de Rouen. Faculté de Lettres et Sciences Humaines. Rouen, 1969. (242 pp).

Maria Luiza Marcilio, professora assistente de Estatística Aplicada na Faculdade de Higiene e Saúde Pública da Universidade de São Paulo, vem, através desta sua obra, dar ao público brasileiro uma excelente lição de como se fazer e se publicar trabalhos científicos com seriedade.

O fulcro de seu estudo demográfico era a reconstrução da população e do povoamento de São Paulo entre os anos 1750-1850. Assim, "duas categorias de fontes foram especialmente utilizadas para este levantamento sobre a antiga população da cidade de São Paulo: as séries de Registros Paroquiais (para a Paróquia da Sé), e os diversos recenseamentos integrais que foram encontrados, tanto para a cidade, como para a Capitania. Contudo, logo de início, apareceram uma série de dificuldades: Qual seria o número de habitantes do Brasil neste período? Qual a proporção e contribuição aproximada dos três contingentes humanos — branco, preto e índio — no grande fenômeno da mestiçagem que permitiu a ocupação humana, ainda que fraca, do vasto território quase vazio? Assim, os mais recentes métodos utilizados pelos estudiosos de demografia do passado, empregados na Europa e em especial na França, não podem ser aplicados para a totalidade das cidades brasileiras dos séculos XVI e XVII: os instrumentos básicos — Registros Paroquiais e lista de habitantes não foram ainda explorados, e ignoramos mesmo se foram conservados. Os depósitos de arquivos das dioceses, paróquias, etc. estão esperando uma pesquisa que nos faça saber de suas riquezas mal conhecidas, e a amplitude dos registros que eles conservam. Em todo caso, no que se concerne ao caso particular da Capitania de São Paulo, os registros paroquiais existem, e os mais antigos que chegaram às nossas mãos datam da segunda metade do século XVII". (9-80)